

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS/GVDEPARTAMENTO DE
ADMINISTRAÇÃO

KARINY ALVES RODRIGUES
LUMARA BATISTA DA MOTA

**A NOÇÃO EMPREENDEDORA DE MULHERES AFRODESCENDENTES EM GV-
MG: REFLEXÕES DE UM *FOCUS GROUP***

KARINY ALVES RODRIGUES
LUMARA BATISTA DA MOTA

**A noção empreendedora de mulheres afrodescendentes em GV-MG: reflexões de um
*focus group***

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de
Administração da Universidade
Federal de Juiz de Fora/Governador
Valadares, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Administração.

Orientador: Prof. Dr. Alcieles de Paula Neto

Governador Valadares – MG
2025

KARINY ALVES RODRIGUES
LUMARA BATISTA DA MOTA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de
Administração da Universidade
Federal de Juiz de Fora/Governador
Valadares, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Administração.

Aprovada em: _____ de _____ de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alcieles de Paula Neto – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Leonardo Lemos da Silveira Santos
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Stela Cristina Hott Corrêa
Universidade Federal de Juiz de Fora

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO

Termo de Declaração de Autenticidade de Autoria

Declaro, sob as penas da lei e para os devidos fins, junto à Universidade Federal de Juiz de Fora, que meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é original, de minha única e exclusiva autoria e não se trata de cópia integral ou parcial de textos e trabalhos de autoria de outrem, seja em formato de papel, eletrônico, digital, audiovisual ou qualquer outro meio.

Declaro ainda ter total conhecimento e compreensão do que é considerado plágio, não apenas cópia integral do trabalho, mas também parte dele, inclusive de artigos e/ou parágrafos, sem citação do autor ou de sua fonte. Declaro por fim, ter total conhecimento e compreensão das punições decorrentes da prática de plágio, através das sanções civis previstas na lei do direito autoral¹ e criminais previstas no Código Penal², além das cominações administrativas e acadêmicas que poderão resultar em reprovação no TCC.

Governador Valadares, _____ de _____ de 2025.

KARINY ALVES RODRIGUES

LUMARA BATISTA DA MOTA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, aos meus pais, ao meu esposo e filhos, que me deram todo o suporte para a realização desta etapa.

AGRADECIMENTOS

“Deem graças ao Senhor porque ele é bom; o seu amor dura para sempre.” (Sl 107:1).

Primeiramente, a Deus que tem me sustentado em meio a tantas adversidades durante toda essa caminhada. A minha família por ser minha base, inspiração e incentivo, de maneira especial aos meus pais que não mediram esforços para que eu pudesse concluir a graduação. Aos meus filhos Bruno Jr. e Alice que são minha motivação diária, e ao meu esposo que desde o início acompanhou e esteve ao meu lado. Aos amigos que fiz durante o caminho, o meu muito obrigado, agradeço também a todos os professores que foram essenciais fontes de conhecimento. Ao meu orientador Professor Dr. Alcielis de Paula Neto por toda sua dedicação e prestatividade ao decorrer desse processo de orientação, e a professora Dra. Nádia Carvalho que é fonte de inspiração, consegue transmitir todo conhecimento de maneira leve e objetiva. A todos estes, muitíssimo obrigada.

“O caminho de Deus é perfeito: as promessas do SENHOR sempre se cumprem; ele é escudo para todos que nele se refugiam.”
(2Samuel 22:31)

“Quando me amei de verdade,
compreendi que em qualquer
circunstância, eu estava no lugar
certo, na hora certa, no momento
exato” (Kim e Alison McMillen)

A noção empreendedora de mulheres afrodescendentes em GV-MG: reflexões de um *focus group*

Kariny Alves Rodrigues (201301074GV)

Lumara Batista da Mota (201301031GV)

RESUMO

O contexto socioeconômico contemporâneo é bastante sugestivo na exploração do empreendedorismo numa perspectiva de gênero e raça dado o potencial que essa temática tem no desenvolvimento de atividades produtivas e no protagonismo das mulheres no cenário organizacional e mercadológico. Daí deriva o objetivo deste estudo que é analisar o propósito do empreendedorismo de mulheres afrodescendentes em Governador Valadares-MG. Obviamente, trata-se de um debate que perpassa por questões fundamentais teóricas relacionadas à orientação empreendedora, às especificidades do empreendedorismo feminino de mulheres negras, às virtudes do chamado *locus* de controle do comportamento empreendedor, como também da própria compreensão do constructo do empreendedorismo. Desta feita, considera-se o método do grupo focal (*focus group*), um procedimento metodológico assertivo de pesquisa qualitativa capaz de abstrair informações preciosas aos interesses deste estudo. Com efeito, os resultados apurados constataram a compreensão multivariada do empreendedorismo no pensamento do público-alvo destacado, bem como barreiras restritivas e preocupações mais relacionadas a gênero do que a raça na potencialização da ação empreendedora das mulheres em foco, como também o destaque para a dimensão da proatividade dentre os demais elementos da orientação empreendedora. Adicionalmente, nota-se uma confiança vibrante no *locus* de controle das entrevistadas capaz de projetá-las para o escalonamento organizacional em seus respectivos negócios de atuação. Enfim, as considerações finais reforçam as possibilidades de empoderamento, reparação histórica e equilíbrio de forças no mercado de trabalho e na sociedade por meio da aderência ao empreendedorismo como verificado no grupo focal analisado.

ABSTRACT

The contemporary socioeconomic context is highly suggestive of the exploration of entrepreneurship from a gender and racial perspective, given the potential this topic has for the development of productive activities and the protagonism of women in the organizational and market scenario. Hence the objective of this study: to analyze the purpose of entrepreneurship among Afro-descendant women in Governador Valadares, Minas Gerais. Clearly, this is a debate that permeates fundamental theoretical issues related to entrepreneurial orientation, the specificities of Black female entrepreneurship, the virtues of the so-called locus of control in entrepreneurial behavior, and the understanding of the entrepreneurship construct itself. This study considers the focus group method, an assertive methodological procedure for qualitative research capable of abstracting valuable information for the purposes of this study. Indeed, the results revealed a multivariate understanding of entrepreneurship in the minds of the target audience, as well as restrictive barriers and concerns related more to gender than race in enhancing the entrepreneurial activity of the women in question. Furthermore, the proactive dimension is highlighted among the other elements of entrepreneurial orientation. Furthermore, a vibrant confidence in the interviewees' locus of control is evident, enabling them to achieve organizational advancement in their respective businesses. Finally, the final considerations reinforce the possibilities for empowerment, historical reparation, and a balance of power in the labor market and society through adherence to entrepreneurship, as verified in the focus group analyzed.

1 INTRODUÇÃO

No universo do empreendedorismo muitos desdobramentos e especificidades são derivadas em uma tentativa de melhor compreensão de um termo que é polissêmico e multifacetado. A tipificação de orientação empreendedora (Oliveira, Basini e Cooney, 2024), por exemplo, traz uma lente sobre o empreendedorismo sob uma ótica organizacional no embate com a intenção empreendedora (Mensah et al., 2021) comumente perceptível nas ações e atitudes empreendedoras dos indivíduos particularmente. O empreendedorismo é rico em diversidade e fica cada vez mais abastado a partir do momento que considera empresas constituídas por mulheres, gerando emprego e renda (Schermerhorn Jr., 2007, p. 127).

Notadamente, os avanços no campo do estudo do empreendedorismo são significativos estimulados pelas virtudes operacionais do termo associadas às possibilidades de desenvolvimento econômico, geração de autoemprego e renda, além da inovação. Em uma perspectiva comportamental, também se ressalta a autorrealização, a articulação de relações interpessoais, o networking e o empoderamento de atores sociais. Essas vantagens do empreendedorismo no mundo contemporâneo tem sido, inclusive, a força motriz da própria administração que, seguramente, é a responsável pela manutenção, sustentabilidade e perenidade das atividades produtivas a serem idealizadas e implementadas.

Com efeito, entende-se que essa tentativa de entendimento da orientação empreendedora como uma condição de cultura organizacional se faz necessária, principalmente se for delimitada num contexto de gênero e raça. Contudo, apesar do afroempreendedorismo feminino ser recorrente ultimamente nos estudos acadêmicos do segmento, sabe-se que a configuração de pequenos negócios em nível de pessoa jurídica (pejotização) por mulheres negras com a proposta de uma atuação empreendedora ainda são insuficientemente explorados.

Neste contexto, emerge a proposta do presente estudo que aborda em linhas gerais o tema do empreendedorismo e gênero (empreendedorismo feminino), delimitado na busca do entendimento da mentalidade empreendedora de mulheres negras (perspectiva de gênero e raça) numa determinada localidade interiorana. Desta feita, o problema é guiado por uma questão norteadora: qual o propósito do empreendedorismo para mulheres afrodescendentes? Com efeito o objetivo geral definido é: analisar o propósito do empreendedorismo de mulheres afrodescendentes em Governador Valadares-MG.

Especificamente, busca-se uma interlocução de modo a: a) apurar a sintonia de orientação empreendedora do público-alvo entrevistado; b) compreender os desdobramentos da condição de gênero e raça nos casos em análise; c) verificar o *locus* de controle das mulheres sondadas em termos de performance empreendedora.

Para tanto, suposições-básicas são levantadas, por exemplo: mais do que uma opção de emprego e renda como sustentabilidade financeira familiar, o empreendedorismo representa para mulheres negras uma “carta de alforria” em termos de independência de gênero e mitigação da invisibilidade efetiva na sociedade, isto é, uma possibilidade real de empoderamento. Ou mesmo acompanhando a tendência do senso comum, o fato de serem mulheres e negras, sobrecarregam os esforços rumo ao empreendedorismo arrefecendo a autorrealização e os sonhos de uma vida promissora (financeiramente e livre de qualquer discriminação).

Em se tratando do problema e de sua importância têm-se que, apesar dos desafios históricos, as mulheres do afroempreendedorismo estão transformando o mercado em diversos segmentos e

ajudam a movimentar R\$ 1,7 trilhão por ano no Brasil (EXAME, 2024). Um levantamento do SEBRAE (2022) revelou que os empreendedores negros ganham menos, têm menos escolaridade, são donos de empresas menores, trabalham mais sozinhos — ou seja, tendem a não contratar ninguém — e contribuem menos para a Previdência.

Segundo a Revista Raça (2025a), 61% das mulheres negras empreendem por necessidade, motivadas principalmente pela ausência de empregos formais e pela busca de geração imediata de renda. Essa condição, entretanto, expõe tais empreendedoras a riscos maiores, dada a informalidade, o baixo acesso a crédito e a fragilidade das redes de apoio.

O relatório da HSM Management (2025) reforça que, embora as mulheres negras componham 65% do total de empreendedoras no Brasil, 45% delas têm crédito negado — número 50% maior que entre empresárias brancas. Tal disparidade reflete um sistema financeiro ainda permeado por preconceitos e critérios excludentes, o que obriga muitas dessas empreendedoras a recorrerem a empréstimos informais ou a financiarem seus negócios com recursos pessoais, comprometendo a sustentabilidade do empreendimento.

Desta feita, é importante reforçar que o presente estudo se justifica por “jogar holofotes” sobre o potencial do empreendedorismo feminino, sobretudo enfatizando as competências e habilidades empreendedoras de mulheres negras, algo muito requisitado na academia atualmente. Não se trata de aderir a uma onda ou modismo, mas sim tratar com zelo de profundidade científica um dos mais celebrados temas nos estudos transversais das teorias organizacionais contemporâneas. Não se nega que o presente estudo também tem o seu teor de militância no sentido contribuir na reparação de danos históricos e falta de reconhecimento à ação empreendedora de mulheres que atuam no mercado de trabalho, bem como na busca da equidade em relação ao universo empreendedor masculino.

Do ponto de vista das contribuições gerenciais espera-se que as constatações deste trabalho favoreçam o profissionalismo dos empreendimentos conduzidos e manejados pelas mulheres entrevistadas e estimulem o escalonamento dos seus respectivos negócios. Certamente, os impactos no desenvolvimento local serão percebidos e os atores sociais envolvidos terão maior notoriedade. A questão da liderança e do processo decisório, bem como do relacionamento interpessoal, da capacidade de persuasão e da busca pela eficiência no processo produtivo acabam também tangenciado este estudo.

Do ponto de vista do incremento teórico, sempre é bom ressaltar que o empreendedorismo, apesar de amplamente debatido ainda é um termo em processo de consolidação intelectual e cognitiva. A classificação de empreendedorismo tipificado em mulheres e ainda na condição de negras é algo pouco comum apesar da força de trabalho e representatividade desses agentes. Portanto, se faz necessário a intensificação de estudos de natureza acadêmica científica justamente para se criar um protocolo de extensão universitária capaz de corresponder às expectativas e ao desenvolvimento do potencial deste público-alvo.

Por fim, este trabalho é organizado em seis seções. A primeira delas é a presente introdução, onde estão expostos o problema de pesquisa, a justificativa para a escolha do tema abordado no trabalho e os objetivos geral e específicos. Na segunda seção tem-se o referencial teórico, onde foram apresentados os conceitos inerentes ao tema estudado. Esta sessão foi dividida em quatro subseções, que são: o empreendedorismo em evidência; orientação empreendedora; o empreendedorismo de mulheres afrodescendentes; e, *locus* de controle. Na terceira seção, foi apresentada a metodologia utilizada na elaboração desta pesquisa. Na quarta seção, foram apresentados e discutidos os resultados da pesquisa em conjunto com a análise das informações

coletadas. Por fim, na última seção são apresentadas as considerações finais, versando sobre os resultados alcançados pela pesquisa, bem como as suas limitações e sugestões para possíveis trabalhos futuros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O empreendedorismo em evidência

O empreendedorismo é definido como “o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades. E a perfeita implementação destas oportunidades leva à criação de negócios de sucesso” (DORNELAS, 2012, p. 28). Verardi (2012, p. 10) também observa que:

O conceito de empreendedorismo pode assumir diferentes significados conforme o contexto social, cultural e econômico em que é discutido, porém de forma geral podem-se identificar três abordagens principais. A primeira deriva da linha comportamental e ocupa-se em definir os perfis de personalidade do empreendedor e compreender seu comportamento. [...] A segunda abordagem abrange a análise das habilidades e competências do empreendedor e sua dinâmica e interação no ambiente organizacional. [...] A terceira abordagem refere-se à relação que se estabelece entre empreendedorismo e economia, a inovação e a disposição para correr riscos ao investir em produtos e negócios.

Diante desse cenário, muitos indivíduos têm recorrido ao empreendedorismo por necessidade, enquanto outros veem nesse caminho uma oportunidade de inovação e crescimento. A dinâmica empreendedora, segundo autores como Chiavenato (2017), Gobira (2021) e Pinto (2021), vai além da criação de novos negócios, movimentando a economia e contribuindo significativamente para o desenvolvimento social e econômico. De acordo com Chiavenato (2017), o empreendedor é aquele que encontra oportunidades, age rapidamente e assume riscos. Ele destaca que empreender não é apenas criar empresas, mas sim movimentar a economia, gerar recursos e estar em constante inovação.

Para Gobira (2021), o empreendedorismo é uma atividade essencial para o desenvolvimento de um país, uma vez que gera empregos, desenvolve novas tecnologias e cria produtos e serviços de valor para o mercado. Além disso, ele menciona que, em países desenvolvidos, o empreendedorismo está diretamente ligado à distribuição de renda e ao estímulo ao desenvolvimento tecnológico, aspectos fundamentais para a riqueza nacional. Nesse contexto, o empreendedorismo não é apenas um meio de sobrevivência, mas um motor de crescimento econômico e social.

Entretanto, o empreendedorismo não se limita ao aspecto econômico. De acordo com Baggio et al. (2014), ele ultrapassa o campo econômico e envolve fatores sociais e culturais. A personalidade e o comportamento do indivíduo são influenciados pela cultura local, o que pode interferir diretamente no processo empreendedor. Assim, o empreendedorismo também se manifesta como um fenômeno social, moldado pelas especificidades culturais de cada sociedade. Além disso, a globalização trouxe novas formas de empreender, criando um ambiente propício para o surgimento de negócios inovadores.

Dornelas (2012), um dos principais estudiosos do empreendedorismo no Brasil, reforça que o empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica vigente, introduzindo novos produtos e serviços, criando novas formas de organização ou explorando novos recursos. Ele destaca o

papel do empreendedor como agente de inovação e mudança, capaz de transformar o mercado e a sociedade ao seu redor. Para Degen (2009), o empreendedor é aquele que assume riscos e está disposto a fazer sacrifícios para transformar suas concepções em grandes empreendimentos, sempre buscando superar o já existente por meio da inovação.

Quadro 1. A relação conceitual de empreendedorismo e empreendedor

Conceito de Empreendedorismo (Entrepreneurship)	Conceito de Empreendedor (Entrepreneur)	Autores
Processo aparentemente descontínuo de combinar recursos para produzir novos bens e serviços	Indivíduos que têm a função específica de ter a capacidade de tomar os fatores de produção – terra, trabalho e capital – é usá-los para produzir novos bens e serviços. É aquele que percebe oportunidades pelas quais outros executivos não se interessam, ou que eles não vêem.	Stoner e Freeman (1999, p. 114),
O termo é usado para descrever um comportamento voltado ao pensamento estratégico e à exposição ao risco , que resulta na criação de novas oportunidades para indivíduos e/ou organizações.	É um indivíduo que corre riscos e procura agarrar oportunidades que outros deixam passar ou as enxergam como problemas ou ameaças.	Schermerhorn Jr. (2007, p. 123)
É perceber uma oportunidade para atender à necessidade de um determinado tipo de cliente e então decidir como encontrar e usar os recursos para criar um produto (bens e serviços novos ou melhores) que atenda a essa necessidade.	São indivíduos que percebem oportunidades e decidem como destinar os recursos necessários para produzir bens e serviços novos e melhores	Jones e George (2012, p. 161; 164)
Ocorre quando um indivíduo vai atrás de uma oportunidade lucrativa	É iniciar e construir uma organização em vez de ser apenas uma parte passiva de uma delas. Isso envolve a criação de novos sistemas, recursos ou processos para produzir novos bens ou serviços e/ou satisfazer a novos mercados.	Bateman e Snell (2011, p. 227)

Fonte: Elaborado pelas autoras

2.2 Orientação Empreendedora

A orientação empreendedora (EO) é definida como a orientação estratégica de uma empresa combinando inovação, proatividade e assunção de riscos Luu e Ngo (2018, p. 103). “Orientação ao empreendedorismo é a tendência de uma organização de participar de atividades desenhadas para identificar e tirar proveito de oportunidades de novos empreendimentos em mercados novos ou existentes com produtos e serviços novos ou existentes” (Bateman e Snell, 2011, p. 246). A orientação ao empreendedorismo é determinada por cinco tendências: permitir ação independente, inovar, correr riscos, ser proativo e ser agressivo do ponto de vista competitivo (Bateman e Snell, 2011, p. 246)

Quadro 2. Tendências da orientação para o empreendedorismo

Tendência	Caracterização
<i>Permitir ação independente</i>	É conceder a indivíduos a liberdade de exercer a criatividade deles, patrocinar ideias promissoras e executá-las até elas se completarem.
<i>Fomentar inovações</i>	Implica apoiar novas ideias, experimentação e processos criativos que possam levar a novos produtos ou processos; requer uma disposição para abandonar práticas existentes e se arriscar além do <i>status quo</i> .
<i>Correr riscos</i>	Vem de uma disposição para comprometer recursos significativos e talvez pegar bastante emprestado para se aventurar no desconhecido. A tendência de assumir riscos pode ser avaliada considerando-se se pessoas são ousadas ou cautelosas, se eles requerem altos níveis de certeza antes de agir ou de permitir uma ação se elas tendem a seguir caminhos provados e verdadeiros.
<i>Ser proativo</i>	É agir antecipando problemas e oportunidades futuras. Uma empresa proativa molda o ambiente e muda o panorama competitivo; outras empresas simplesmente reagem. Empresas proativas pensam para a frente e agem rapidamente e são líderes em vez de seguidoras
<i>Agressividade competitiva</i>	É a tendência da empresa de desafiar os concorrentes direta e intensamente para conseguir entrar na competição ou para melhorar a sua posição competitiva. Em outras palavras, é a tendência a ter um desempenho superior aos rivais no mercado.

Fonte: Elaborado a partir de (Bateman e Snell, 2011, p. 246)

“O que torna uma empresa ‘empreendedora’ é a sua participação numa combinação eficaz de ação independente, fomento a inovações, disposição de assumir riscos, proatividade e agressividade competitiva” (Bateman e Snell, 2011, p. 246). No entanto, você pode imaginar como o perfil oposto – restrições demais à ação, negócios como sempre, cautela ao extremo, passividade e a falta de um ímpeto competitivo – poderá minar atividades empreendedoras (Bateman e Snell, 2011, p. 246)

2.3 O empreendedorismo de mulheres afrodescendentes

O empreendedorismo afrodescendente ou afroempreendedorismo, vai além da simples busca por lucro e inovação. Ele representa um movimento que visa criar valores mais profundos e complexos, permitindo que pessoas negras alcancem liberdade e superem barreiras. Esse conceito pode ser entendido de duas maneiras: de forma ampla, englobando todas as iniciativas empreendedoras realizadas por negros, e de forma mais restrita, referindo-se a iniciativas comprometidas com a construção de uma cadeia produtiva que respeita a questão racial e adota práticas antirracistas em todas as etapas (SANTOS, 2019, p. 35-37).

Schermerhorn Jr. (2007, p. 127), constata que as mulheres estão iniciando novos negócios em uma proporção maior do que os homens em muitas nações, sobretudo, motivadas por uma nova ideia, ou por entender que podem fazer por si próprias o que têm feito por seus empregadores. Fica claro que o empreendedorismo oferece às mulheres a chance de realizar coisas por si mesmas; é também um caminho para a oportunidade, que de outra forma poderia ficar inacessível (Schermerhorn Jr., 2007, p. 127).

Em seus estudos, Schermerhorn Jr. (2007, p. 127), aponta muitas mulheres de cor são induzidas a abraçar o empreendedorismo por causa de problemas de “teto de vidro”, relacionados à falta de reconhecimento ou valorização por parte de seus antigos patrões, também pode não serem

levadas à sério e observar que outros eram promovidos antes delas. O que atrai mulheres empreendedoras a ter sua própria empresa é o benefício serem o próprio patrão de seus negócios.

O empreendedorismo de mulheres negras no Brasil é marcado por paradoxos (Almeida, 2024). Esta mesma autora explica que, de um lado, evidencia a força, a criatividade e a resiliência dessas mulheres, que transformam adversidades em oportunidades e constroem soluções inovadoras para sustentar a si mesmas e suas comunidades. De outro, denuncia as desigualdades estruturais que limitam seu potencial, impondo barreiras que vão desde a negação de crédito até a ausência de políticas públicas efetivas. Nesta mesma linha de raciocínio, Pedezzi e Rodrigues, (2020) indicam que o empreendedorismo no Brasil é desafiador, principalmente para as mulheres que exercem diversas funções, como ser dona de casa, mãe, esposa, empreendedora.

Pedezzi e Rodrigues (2020) complementam que as mulheres negras precisam saber conciliar as múltiplas tarefas, doméstica e empresarial, o que se torna um desafio para manter esse equilíbrio, completam os mesmos autores. Continuam analisando que a sobrecarga de trabalho e diversas situações que precisam ser resolvidas, para as mulheres se tornam grandes desafios em obter sucesso no empreendedorismo. Existe sempre a opção de evitar a procriação para se neutralizar os atritos entre a atividade de trabalho e a criação dos filhos.

Os desafios apontados por Pedezzi e Rodrigues (2020) que criam barreiras ao empreendedorismo de mulheres negras são: a ausência do apoio da família, a falta de uma base financeira, a dificuldade de ajustar o trabalho com a vida pessoal, a falta de ajuda com as tarefas da empresa, preconceitos por ser mulher (equiparação do trabalho com os homens, descredibilidade, desvalorização e críticas em função do feminismo, fraqueza muscular em termos de força física, iniquidade de reconhecimento, além de problemas clássicos como

2.4 Locus do controle

O *locus* do controle, é entendido por Stoner e Freeman (1999, p. 119), como um atributo das características e traços típicos da personalidade dos empreendedores e diz respeito “a ideia de que os indivíduos, e não a sorte ou o destino, controlam suas próprias vidas”. Trata-se do pensamento intuitivo de que os empreendedores estão no controle de suas próprias vidas. Em complemento, Schermerhorn Jr., 2007, p. 125), indica que no *locus* interno de controle, os empreendedores acreditam estar no controle do próprio destino; são autodirigidos e gostam de autonomia. Este mesmo autor cita H.Wayne Huizenga, membro do Hall da Fama dos Empreendedores, que menciona:

Um aspecto importante do empreendedor é um instinto interior que lhe permite acreditar em seu coração que algo vai dar certo, mesmo quando todos estão dizendo que não. Você diz: vou fazer com que funcione. Vou lá e vou fazer acontecer (Schermerhorn Jr., 2007, p. 125).

Neste caso, o empreendedor não apenas tem a visão, mas também é capaz de planejar e definir objetivos e acreditar que serão alcançados. Muitos, no entanto, veem o mundo cheio de incertezas de realizar o que desejam. “Essa forma de pensar é conhecida como locus externo de controle e baseia-se na crença dos indivíduos de que seu futuro não está sob seu controle, mas, em vez disso, é influenciado por forças externas” (Masiero, 2009, p. 410).

Locus de controle interno: empreendedores possuidores dessa característica, chamados pelos psicólogos de internos, acham-se com o controle de seu destino e, por isso, atribuem a si mesmos responsabilidade pelo seu sucesso ou insucesso, apresentam autoestima elevada,

autoconfiança e, conseqüentemente, mais propensão a aceitar desafios e riscos de empreender (Donato, 2014, p. 49)

3 METODOLOGIA

Em função do objetivo estabelecido para a pesquisa, optou-se por conduzir um estudo de natureza qualitativa, também denominada interpretativa (ACEVEDO; NOHARA, 2006). A investigação fundamentou-se em uma perspectiva construtivista, utilizada como base de referência e orientação filosófica, predominando no desenvolvimento do trabalho (CRESWELL; CRESWELL, 2021). Quanto aos objetivos, a pesquisa caracteriza-se como exploratória, conforme definição de Gil (2011).

No que se refere ao raciocínio lógico adotado, empregou-se o método indutivo (DIEHL; TATIM, 2004), servindo de sustentação para o processo investigativo. Como método central, utilizou-se o estudo de caso (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013). Para a coleta de dados, o recurso principal foi o grupo focal (PERUZZO, 2011), apoiado em um roteiro estruturado (LIMA, 2008) e na técnica de amostragem teórica (FLICK, 2009).

A seleção das entrevistadas foi realizada por conveniência (CRESWELL, 2014), resultando na constituição de um corpus de dados com informações qualitativas provenientes dos relatos dos participantes na sessão de grupo focal realizada. Esses relatos foram registrados em áudio e vídeo, posteriormente transcritos e tratados com auxílio de software específico (HAIR et al., 2005). A análise seguiu as orientações propostas por Martins e Theóphilo (2018), contemplando a redução, a apresentação e a interpretação dos dados para a elaboração das conclusões. A fim de garantir a precisão, a validade e a confiabilidade das informações, foram observadas as recomendações de Creswell e Creswell (2021).

O procedimento adotado foi o método monográfico (MARCONI; LAKATOS, 2011) e, quanto à finalidade, a pesquisa é classificada como aplicada (MICHEL, 2009). O quadro a seguir apresenta de forma sintética as escolhas metodológicas que orientaram o estudo.

Quadro 3. A síntese do percurso metodológico proposto

Classificação quanto a(o):	Método/Técnica/Procedimento	Autor(es)
Abordagem	Qualitativa	ACEVEDO; NOHARA, 2006
Perspectiva	Construtivista	CRESWELL; CRESWELL, 2021
Desenho	Estudo de caso	GODOY 2022; YIN, 2023
Método	Estudo de caso e grupo focal	ANGROSINO, 2022; GODOY 2022; PERUZZO, 2022; YIN, 2023
Técnica de coleta de dados	Grupo focal	ANGROSINO, 2022; PERUZZO, 2022
Análise e tratamento	Análise de conteúdo	BARDIN, 2023; MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2022

Baseado em Creswell e Creswell (2021)

3.1 Classificação da pesquisa

A pesquisa adotou caráter qualitativo, uma vez que buscou compreender significados, percepções e experiências no contexto investigado, privilegiando a interpretação sobre a mensuração de dados (CRESWELL; CRESWELL, 2021). Foi também exploratória, pois procurou aprofundar a compreensão de um fenômeno ainda pouco estudado, identificando padrões e possibilidades de investigação futura (GIL, 2023). Por fim, classifica-se como aplicada, dado que seus resultados visam oferecer subsídios para a melhoria de práticas e processos no campo estudado (MICHEL, 2023). A condução do estudo envolveu imersão no campo, observação detalhada e interação direta com os participantes, características que favorecem a obtenção de informações contextualizadas e ricas em nuances.

3.2 Método de pesquisa predominante

O método predominante foi o estudo de caso, escolhido por permitir a análise aprofundada de um fenômeno contemporâneo em seu contexto real (YIN, 2023). Essa estratégia é particularmente adequada quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas, permitindo examinar múltiplas fontes de evidência. Segundo Godoy (2022), o estudo de caso favorece a compreensão holística de situações complexas, possibilitando integrar dados provenientes de diferentes técnicas de coleta e gerando um quadro mais completo e robusto da realidade investigada.

3.3 Coleta dos dados

A coleta de dados foi realizada por meio de grupo focal, observação participante e pesquisa documental. O grupo focal, conforme Peruzzo (2022), é uma técnica que estimula a interação entre participantes e promove a construção coletiva de significados. A observação participante permitiu ao pesquisador vivenciar o ambiente investigado, enriquecendo a compreensão das dinâmicas sociais (ANGROSINO, 2022). A pesquisa documental foi utilizada para complementar e triangular as informações, garantindo maior consistência às análises (CELLARD, 2023).

As unidades de análise selecionadas para o grupo focal (mulheres negras empreendedoras) foram recrutadas considerando sua relevância no campo de atuação e sua abertura para colaborar com a pesquisa, o que viabilizou o acesso a informações estratégicas. Os sujeitos foram escolhidos com base em sua experiência direta com o fenômeno estudado, compondo um grupo heterogêneo capaz de oferecer diferentes perspectivas. O instrumento de coleta foi um roteiro previamente estruturado, elaborado com base no formulário de Planejamento Estratégico aplicado no contexto organizacional, garantindo coerência com os objetivos da investigação.

A amostra do grupo focal foi caracterizada por mulheres negras empreendedoras, com perfil sociodemográfico destacando-se os seguintes aspectos: idade média de 39 anos, variando de 31 a 53 anos. Em relação à escolaridade, a maioria delas possui ensino superior completo. A renda média familiar das empreendedoras não ultrapassou a marca de três salários mínimos, sendo que a maioria delas afirma obter de um a dois salários mínimos. Quanto ao estado civil, a maioria delas são casadas e têm filhos. As empreendedoras atuam em diferentes ramos, como serviços de beleza, confecção de roupas, alimentação, comércio e serviços digitais. O tempo de empreendimento das participantes varia de 8 meses a 10 anos. (Ver Quadro 4 para mais detalhes).

QUADRO 4 – Dados Sociodemográfico das Mulheres do Grupo focal

PARTICIPANTE DO GRUPO FOCAL	IDADE	ESTADO CIVIL	FILHO	FORMAÇÃO ACADÊMICA	RENDAFAMÍLIA (MÉDIA)	ÁREA DO RAMO	TEMPO
E1	34	Casada	Não	Ensino Superior Completo	R\$ 3.961,00	Artesanato (Curso de Crochê e Bordado Online)	7 Anos
E2	49	Casada	Sim	Ensino Médio Incompleto	R\$ 3.961,00	Lojista	5 Anos
E3	53	Solteira	Sim	Ensino Médio Incompleto	R\$ 3.960,00	Salão de Beleza	10 Anos
E4	31	Solteira	Não	Ensino Superior Completo	R\$ 1.321,00	Ateliê de Costura	2 Anos
E5	38	Casada	Sim	Ensino Superior Completo	R\$ 1.321,00	Salão De Beleza	8 Meses
E6	34	Divorciada	Não	Ensino Médio Completo	R\$ 1.321,00	Salão De Beleza	7 Anos
E7	34	Casada	Sim	Ensino Superior Completo	R\$ 3.961,00	Alimentação	3 Anos
E8	Não Relatada	Casada	Não	Ensino Superior Completo	R\$ 3.961,00	Moda Feminina	8

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autoras

3.4 Tratamento e análise dos dados

Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2023), que consiste em um conjunto de técnicas sistemáticas para tratamento de comunicações, visando à obtenção de inferências válidas e relevantes. Esse método envolveu três fases principais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. O uso de aplicativos computacionais favoreceu a análise qualitativa facilitou a codificação e a categorização das informações, assegurando maior rigor e rastreabilidade no processo. De acordo com Mozzato e Grzybovski (2022), a análise de conteúdo possibilita identificar padrões, significados e relações presentes nas falas dos participantes, permitindo interpretações consistentes com o contexto estudado.

3.5 Limitações do desenvolvimento do trabalho do ponto de vista metodológico

Para um estudo desta natureza alcançar maior notoriedade acadêmica o ideal seria a realização de pelo menos três sessões de grupo focal para os fins de saturação dos dados e maior acuracidade nas informações captadas. Por restrições de tempo, recursos e disponibilidade de elementos do público-alvo, não foi possível avançar neste quesito

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 A noção eclética de empreendedorismo

O mindset geral das entrevistadas sobre a compreensão que elas tinham de empreendedorismo foi de encontro à constatação da maioria dos estudiosos sobre o tema que o sentenciam a um fenômeno polissêmico, multifacetado e até mesmo inconclusivo. Isso se deve ao fato de empreendedorismo ser um conceito guarda-chuva alicerçado em muitos constructos que sempre devem ser observados de modo agregado, dentre eles os determinantes seminais (risco, incerteza, oportunidade, ação proativa (epifania), inovação e autorrealização). Também diz respeito a algumas variáveis ligadas à gestão (liderança, eficiência, tomada de decisão dentre outras.

Entender empreendedorismo, na verdade, é analisar os casos da ação empreendedora dos indivíduos e dimensionar o grau em que cada determinante se manifesta (maior ou menor teor de assunção a riscos, por exemplo ou a dose de inovação disruptiva empregada). Todavia, há ainda o pensamento do fator empreendedor como uma condição inata, que nasce com as pessoas ou vem de berço como uma herança familiar. Desta feita, as entrevistadas manifestaram visões distintas da noção de empreendedorismo como se observa nos depoimentos seguintes:

“Pra mim é resolver problemas. Porque é um desafio! É um desafio você ser dono do seu próprio negócio, de você, meio que confiar, que amanhã você terá um cliente para suprir a sua necessidade. Não está garantido que você vai ter um cliente amanhã, mas você espera que ele venha, que você vai ter, e que você não vai ficar parado esperando ele chegar, você vai buscar ele onde estiverem. Ele vai solucionar o problema dele seja ele qual for, naquilo que você puder” (Entrevistada 1).

“Eu acho o empreendedorismo, principalmente para nós, é um tipo de comércio em que a gente trabalha, eu sou cabeleireira. Eu falo assim que eu já estou perto de aposentar a minha capacitação de cabeleireiro, porque primeiro eu ganhei uma síndrome do carpo, agora eu ganho a artrose nas 2 mãos. Aí eu estou fazendo tipo assim eu já estou tentando mudar o rumo do meu negócio”. (Entrevistada 2)

“No meu caso é diferente porque eu cresci na verdade, com meus pais que são empreendedores, desde pequena eu vi eles caminhando e mesmo na dificuldade eles foram caminhando, persistiram juntos. E para mim empreender no caso, seria uma oportunidade. Foi o caso do meu pai, ele já trabalhava com aquilo que ele mexe hoje”. (Entrevistada 3)

“Para mim, o caso também é diferente, não discordando com ela, mas eu entrei nessa área. Eu creio que isso nasce com a gente. Empreender está no sangue.

E a gente vai descobrindo ao longo dos anos, ao longo do tempo que a gente faz aquilo vai se encaixando. Eu, desde nova, sempre busquei fazer algo. Nunca me via parada, não conseguia me ver parada. Porque até mesmo eu acho que nós, mulheres empreendedoras, acontece uma coisa, a nossa mente, ela trabalha. Eu acho que 48 horas por dia a gente dorme trabalhando, a gente acorda, trabalhando, é uma coisa que. Hmm, não tem como, não é?” (Entrevistada 8)

“Então pra mim, empreender hoje, o empreendedorismo pra mim é colocar em prática um sonho, pode ser algo que você nem projetou para sua vida, mas que o momento também está te pedindo. Romper os desafios, dia após dia, que não são poucos... todos nós aqui sabemos que não são poucos, são muitos”. (Entrevistada 6)

“Ah, concordando com todas aqui, mas é empreendedorismo para mim, acho que a nossa capacidade, de pegar uma ideia, um projeto, desenvolver ele”. (Entrevistada 04)

4.2 A sintonia da orientação empreendedora

Num primeiro momento dos estudos sobre empreendedorismo a orientação empreendedora (OE) era uma estratégia no nível da empresa que consiste em três dimensões: tomada de risco, inovação e proatividade (Al-Awlaqi, Aamer e Habtoor, 2021, p. 1). Neste caso, tratava-se de uma estratégia de negócios que contribuía para que as empresas fossem inovadoras, assumissem a liderança na exploração de novas oportunidades e mercados, além de lidar com o risco de forma diferente.

Todavia, outras duas dimensões foram acrescentadas ao constructo da OE recentemente de acordo com autores como Luu e Ngo (2018, p. 103) e Khan et al. (2020, p. 231), quais sejam: a autonomia organizacional e a agressividade competitiva. O primeiro diz respeito à liberdade dada aos indivíduos para tomar decisões sem restrições organizacionais. O segundo reflete a postura das organizações em responder energicamente e desafiadoramente às ações da concorrência, visando alcançar vantagem competitiva.

“A gente no início não sabe muito como é que vai ser, aparece muitos desafios e acho que a maioria é micro empreendedor, então a gente acaba fazendo vários papéis dentro de uma empresa, né? Então a gente vai empreender sem saber o que nos espera, sem saber que a gente vai ser o financeiro, compras, marketing e por aí vai. E depois a gente vai se adaptando ali, vendo como é que funciona o negócio”. (Entrevistada 04)

Pra mim, o empreendedorismo. Concordando com todas as colegas aqui, é desafiador. No meu caso, a Bendita Porção, foi criada na pandemia. Sou professora, me formei em Pedagogia e atuei. Mas com a pandemia e também com a licença maternidade, eu fiquei desempregada. E nisso surgiu a oportunidade. Na verdade, juntou a maternidade, desespero, medo, surgiu então a Bendita, no apartamento onde nós morávamos, no terceiro andar. (Entrevistada 6)

Como eu trabalho no ramo da alimentação, eu tenho o prazer de saber que há uma família reunida degustando da minha porção, todo mundo reunido,

amigos, conversando, tendo prazer em poder comer o alimento que eu produzi, que a minha equipe produziu. Então, hoje, eu entendo que... paga as minhas contas? Paga, claro. Mas eu entendo que hoje vai além do vender. O que adianta eu vender e saber que o cliente não ficou satisfeito, mas, você vender, pode ser que você nem bata sua meta naquele dia, mas você vendeu e a família saiu satisfeita, isso não tem preço. (Entrevistada 06)

4.3 Especificidades de Gênero e raça na condição do empreendedorismo

De Lima, De Souza e Da Silva (2021), entendem que a simples condição de ser mulher em muitas situações é uma peleja que infringe desafios ao gênero feminino. Retoma-se aqui os motivos que são clichê no contexto de determinados empreendimentos como, por exemplo, equiparação equivocada em relação ao trabalho dos homens, falta de valorização da força de trabalho, incredulidade na capacidade da mulher em resolver determinados problemas e desempenho na lida com determinadas situação e problemas crônicos de relacionamento interpessoal afetado por assédio sexual e psicológico emocional (moral).

Balog (2022) acrescenta outros detalhes relacionados aos diferentes tipos de discriminação (idade, cor da pele, cor dos cabelos, tipos do cabelo, ou seja, pelo gênero e raça. Há uma dependência do ator social masculino para gerar confiança nos negócios e intermediar relações comerciais. Este mesmo autor ainda reflete que as mulheres, principalmente as negras, precisam provar a sua capacidade, mesmo tendo todo um conhecimento, e experiências, precisam sobressair e fazer com que sejam ouvidas e tenham oportunidades. As mulheres negras empreendedoras, além de lutar diariamente pela permanência do seu espaço, precisam enfrentar preconceitos, e se sobressair das situações de racismo, para poder ser reconhecida e ter satisfação profissional (Balog, 2022).

Bandeira *et al.* (2021) analisa a condição da mulher que é multitarefas, e que não tem um suporte familiar para ajudar nas atividades domésticas e do negócio ao longo do dia, a administração do tempo para cada atividade se torna um desafio. Muitas mulheres solteiras e empreendedoras adiam a possibilidade de construir uma família por não saber conciliar o tempo para o cuidado com os filhos, com o tempo para a gestão dos negócios. Também a dependência econômica e afetiva do marido é um desafio enfrentado por algumas mulheres Carvalho *et al.*, 2023). As dificuldades de conciliar família e trabalho trazem sentimentos de insatisfação, por não saber gerenciar esses dois papéis. O papel de tomador de decisão e de gestora, pode gerar altos níveis de estresse e de angústia nas empreendedoras, que trabalham sob pressão, sem recursos e sem apoio (Borges; Andrade, 2023).

A gente não quer parar, mas o computador não para. Então no meu caso foi um pouco isso ? Eu sou mãe de 3 filhos, sou casada, me chamo Márcia gente, prazer conhecer vocês, estou com 47 anos, sou empreendedora hoje na área de vestuário, tenho uma loja. Há 4 anos, praticamente quase 5 anos. Mas eu me vi inserida no mercado, porque para mim, empreender e você lançar, é você ser inserida no mercado de trabalho. A partir do momento que você empreende, você se insere, você é vista, você é conhecida, eu entendo que hoje eu sou mais conhecida do que antes. Por quê? Tem um monte de cliente que me cumprimenta. Ontem mesmo estava no big mais, fui comprar algum para tomar café, daí uma menina falou, nossa to apaixonada naquela tal, tal . Gente? Eu não sei que roupa é? e nem sei quem é? Mas eu sou conhecida. (...) Então você é inserida no mercado. Você é mais visto. Você aparece mais. (Entrevistada 8)

Essa situação é agravada pela chamada “economia do cuidado”, conceito que descreve o tempo dedicado às atividades domésticas e ao cuidado de familiares, majoritariamente assumido por

mulheres. Para as empreendedoras negras, essa sobrecarga reduz a disponibilidade de tempo e energia para investir em suas empresas, perpetuando ciclos de baixa produtividade e renda (HSM MANAGEMENT, 2025).

O conceito de interseccionalidade é central para compreender a realidade dessas empreendedoras. Como aponta a Revista Raça (2025c), o cruzamento entre racismo e sexismo cria barreiras que vão além das dificuldades econômicas, abrangendo discriminação no acesso a oportunidades, preconceito no atendimento bancário e invisibilidade nas redes de negócios. Pesquisa realizada pelo Instituto Rede Mulher Empreendedora (RME) revela que 70,7% das mulheres pretas já sofreram racismo no ambiente de trabalho, e o acesso ao crédito é apontado como o desafio mais recorrente entre elas.

Ana Fontes, fundadora da RME, destaca que “a autonomia econômico-financeira é fundamental para as mulheres em geral, mas é ainda mais importante para mulheres negras que são atravessadas violentamente pelo machismo e pelo racismo” (REVISTA RAÇA, 2025c, p. XX). Tal afirmação reforça que, para esse grupo, empreender não é apenas gerar renda, mas também conquistar independência e protagonismo frente a um contexto de exclusão histórica.

“Você trabalha com auto estima, mas você trabalha com todo tipo de pessoa. E lidar com pessoas é muito difícil. Porque assim, eu já passei por diversas situações. Tem gente que parece que aquele dia saiu de casa para tirar sua paz”. (Entrevistada 05).

“Que é literalmente mesmo desafiador. Você vai com a ideia, vai para um projeto para trabalhar com aquilo que você se identifica, mas chega no momento que você encontra o desafio, você tenta desistir, porque principalmente para mulheres, eu acredito que a dificuldade é bem maior quando se trata de mulher”. (Entrevistada 07)

4.4 O locus de controle

E ontem eu comentei isso, engraçado, quando eu fiz um comentário que quando eu comecei eu comecei como se fosse uma casinha de boneca, eu não sei se com vocês também foi assim. Quando a gente começa o negócio da gente, é como se a gente tivesse montado aquela primeira casinha, a gente vai tão iludida, é uma coisa assim tão gostosa, né? A gente tem aquela visão, aquela é, é uma é, é diferente, é algo diferente, é como se você pegasse uma casinha e montasse uma casinha da Barbie e cuidasse com aquele carinho, aquele mimo. Só que na realidade, o tempo vai passando, o desafio vai vindo. Quando você acorda para a vida, você fala, poxa, isso aqui não é brincadeira não. É algo muito sério e hoje, para mim, o maior desafio é o digital. Para mim é o digital. (Entrevistada 8)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as várias ramificações e tipologias do empreendedorismo, o condicionamento do empreendedorismo de mulheres afrodescendentes ganha um vigor cada vez mais significativo em uma sociedade cada vez mais atenta às iniquidades sociodemográficas e culturais no mercado de trabalho e no desenvolvimento de atividades produtivas. Com efeito, a amplitude e significância desta temática motivou a realização do presente estudo que acabou por revelar que o propósito do empreendedorismo para mulheres afrodescendentes segue a lógica das

múltiplas variações do próprio vocábulo (empreendedorismo) que é um conceito eclético, estruturado por determinantes e variáveis distintas, mas agregadas em complementariedade.

Isso significa que, para algumas das entrevistadas a finalidade do empreendedorismo é superar desafios (atuar em um contexto de incerteza lidando com variáveis incontrolláveis do ambiente externo). Para outras a razão de ser do empreendedorismo é, na realidade, detectar e aproveitar oportunidades do macroambiente, sobretudo observado os fatores econômicos e as transformações demográficas. No entanto, a missão do empreendedorismo para as entrevistadas também diz respeito à ressignificação de produtos e processos produtivos (inovação), ao não comodismo e isolamento em uma “zona de conforto” (proatividade) e a uma busca constante por novos conhecimentos, aprendizados e desenvolvimento dos próprios talentos (autorrealização).

Aliás, são basicamente estes constructos anteriormente citados que vão constituir a noção de orientação empreendedora nas ações das entrevistadas com um certo grau de arrefecimento nas situações de vantagem competitiva agressiva (a mulheres se mostraram mais colaborativas do que competitivas), apesar da autonomia organizacional se um diferencial na proposição de negócios dessas empreendedoras, pois a independência financeira e liberdade de consumo são elementos norteadores na vida empresarial dessas agentes.

Não obstante, o fato de serem afrodescendentes não as afetaram de garantir os seus devidos espaços no mercado de trabalho não. Pelo contrário, abriram as portas para empreitadas de negócios com (em)foco exatamente neste perfil de consumidor (negros). Pode-se dizer que funcionou como uma estratégia de empoderamento. Todavia, a condição de ser mulher, aí sim, trouxe inúmeras preocupações adicionais que vão de encontro àquilo que foi retratado na literatura. São várias as barreiras associadas à fragilidade do sexo, à discriminação, ao assédio e às condutas subserviência ao universo masculino, inibindo assim o protagonismo do empreendedorismo feminino.

Observou-se ainda que, no grupo focal realizado, em momento algum as mulheres negras sondadas de revelaram marginalizadas e/ou vitimadas pelo destino que as relegam a uma condição de vida socioeconômica distante do desejado. Longe disso. O *locus* de controle das entrevistadas era apurado e praticamente uma força matriz para o enfrentamento dos desafios da vida com dignidade e autoconfiança. Nada de autopiedade e ou desânimo para essas mulheres correrem atrás da realização de seus sonhos, sempre acreditando em seus próprios potenciais para conquistas e realizações.

Enfim, apesar das inúmeras limitações e percalços para a articulação deste estudo que vão desde a temporização de conclusão do mesmo até os problemas particulares de seus proponentes, no entanto, pode-se inferir que uma grande lacuna de pesquisa para futuros estudos no campo é o impacto da virtuosidade humorística e da energia tropical e cultural dos negros como elemento surpresa no comportamento empreendedor das mulheres.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fernanda de. Executivas negras lideram grandes empresas e inspiram novas gerações. *Forbes Brasil*, São Paulo, 25 jul. 2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/carreira/2024/07/executivas-negras-lideram-grandes-empresas-e-inspiram-novas-geracoes/>. Acesso em: 16 ago. 2025.
- ANGROSINO, M. Etnografia e observação participante. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2022.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2023.
- BATEMAN, T. S.; SNELL, S. A. **Administração: novo cenário competitivo**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- CELLARD, A. A análise documental. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.
- CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.
- Disponível em: <https://exame.com/negocios/as-mulheres-do-afroempreendedorismo-que-ajudam-a-movimentar-r-17-trilhao-por-ano-no-brasil/#:~:text=A%20renda%20dos%20empreendedores%20negros,os%20empreendedores%3A%20R%24%201.852>. Acesso em: 18 ago. 2025.
- DONATO, J. V. **Empreendedorismo e estratégia**: estudo da criação de duas empresas no setor de refrigerantes no Ceará. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2014.
- EXAME. As mulheres do afroempreendedorismo que a ajudam a movimentar 17 trilhão por ano no Brasil. Revista Exame Online. Negócios. 12/12/2024. <https://exame.com/>.
- FLICK, U. Introdução à pesquisa qualitativa. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2023.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2023.
- GODOY, A. S. Estudo de caso qualitativo. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2022.
- HSM MANAGEMENT. Apoio ao empreendedorismo feminino negro é essencial para o desenvolvimento socioeconômico coletivo. *HSM Management*, São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <https://hsmmanagement.com.br/apoio-ao-empreendedorismo-feminino-negro-e-essencial-para-o-desenvolvimento-socioeconomico-coletivo/>. Acesso em: 16 ago. 2025.
- <https://g1.globo.com/empreendedorismo/guia-do-empresendedor/noticia/2025/08/19/mei-microempresa-epp-ou-nanoempreendedor-entenda-regras-para-cada-tipo-de-negocio.ghtml>. Acesso em: 18 ago. 2025.
- Javadian, G., Opie, T.R. and Parise, S. (2018), "The influence of emotional carrying capacity and network ethnic diversity on entrepreneurial self-efficacy: The case of black and white entrepreneurs", *New England Journal of Entrepreneurship*, Vol. 21 No. 2, pp. 101-122. <https://doi.org/10.1108/NEJE-08-2018-0016>
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2022.
- MASIERO, G. **Administração de empresas**: teoria e funções com exercícios e casos. 2. Ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- MICHEL, M. H. Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos acadêmicos. 9. ed. São Paulo: Atlas,

2023.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 26, n. 2, p. 1-21, 2022.

PERUZZO, C. M. K. Observação participante e pesquisa-ação. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2022. Sampieri, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. Metodologia de pesquisa. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2023.

QG BRASIL. Empreendedorismo vira alternativa para mulheres negras diante da falta de oportunidades. *CartaCapital*, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/do-micro-ao-macro/empreendedorismo-vira-alternativa-para-mulheres-negras-diante-da-falta-de-oportunidades/>. Acesso em: 16 ago. 2025.

QG BRASIL. **Empreendedorismo vira alternativa para mulheres negras diante da falta de oportunidades**. *CartaCapital*, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/do-micro-ao-macro/empreendedorismo-vira-alternativa-para-mulheres-negras-diante-da-falta-de-oportunidades/>. Acesso em: 16 ago. 2025. [CartaCapital](#)

REVISTA RAÇA. Empreender por necessidade: mulheres negras são maioria no empreendedorismo de sobrevivência no Brasil. *Revista Raça Brasil*, São Paulo, 7 jun. 2025. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/mulher-negra-empreender/>. Acesso em: 16 ago. 2025.

REVISTA RAÇA. Mulheres negras empreendedoras enfrentam mais barreiras para empreender no Brasil. *Revista Raça Brasil*, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/mulheres-negras-empreendedoras-desafios/>. Acesso em: 16 ago. 2025.

REVISTA RAÇA. Pesquisa revela que 70,7% das mulheres pretas já sofreram racismo no trabalho. *Revista Raça Brasil*, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/pesquisa-revela-que-707-das-mulheres-pretas-ja-sofreram-racismo-no-trabalho/>. Acesso em: 16 ago. 2025.

SCHERMERHORN JR., J. R. **Administração**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

[Sims, R.L.](#) and [Chinta, R.](#) (2020), "The mediating role of entrepreneurial ambition in the relationship between entrepreneurial efficacy and entrepreneurial drive for female nascent entrepreneurs", *Gender in Management*, Vol. 35 No. 1, pp. 76-91. <https://doi.org/10.1108/GM-09-2019-0158>

STONER, J. A. F.; FREEMAN, R. E. **Administração**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

[Wang, Q.](#) (2019), "Gender, race/ethnicity, and entrepreneurship: women entrepreneurs in a US south city", *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, Vol. 25 No. 8, pp. 1766-1785. <https://doi.org/10.1108/IJEBr-05-2017-0156>

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2023.